

**DE MENINO DE ENGENHO A L'ENFANT DE LA PLANTATION: OS
CAMINHOS DAS TRADUÇÕES FRANCESAS DA OBRA DE JOSÉ LINS DO
REGO**

Flora Marina Figueiredo Ajala¹

Marta Pragana Dantas²

Resumo

O presente trabalho consiste em uma breve investigação sobre os processos e caminhos percorridos pela obra *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, e os processos até as duas traduções francesas publicadas com o título *L'Enfant de la plantation* (1953 e 2013), considerando que os caminhos e processos foram diferentes devido ao período de 60 anos que separa as duas publicações. Uma sucinta apresentação sobre o romance e o seu autor, bem como um panorama das traduções de suas obras servem de ponto de partida para a investigação. Para tanto, adotou-se a abordagem de transferências culturais (Michel Espagne, 2012) e das trocas internacionais (Pierre Bourdieu, 2002). Dentro da perspectiva de transferências culturais, interessam os processos e caminhos da exportação em vez dos juízos de valor entre texto original e texto traduzido; e no que diz respeito às trocas internacionais, o foco recai sobre a investigação das operações sociais que conduzem a uma contextualização das traduções, tais como: possível existência de auxílio à tradução e à publicação, identificação dos agentes e das instituições que serviram de intermediários entre o texto original e as traduções. Como resultado, pode-se observar o papel relevante dos intermediários, bem como as diferenças entre os caminhos e as relações existentes no processo que conduziu às duas traduções.

Palavras-chave: Menino de engenho; *L'enfant de la plantation*; José Lins do Rego; Tradução

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma breve investigação dos caminhos das duas traduções francesas da obra de José Lins do Rego, *Menino de engenho* (1932): *L'Enfant de la plantation* (1953 e 2013). Tendo como objetivo revelar os caminhos percorridos pela exportação e o papel das instâncias de mediação nesse processo, duas perspectivas teórico-metodológicas foram associadas: a abordagem de transferências culturais proposta por Michel Espagne (2012) e as trocas internacionais propostas por Pierre Bourdieu (2002).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB); Bolsista CAPES

² Orientadora – PPGL/UFPB

Essas abordagens levam em consideração os contextos de produção e de recepção da tradução, dando ênfase às relações sociais por meio das quais são produzidas as traduções. As transferências culturais debruçam-se sobre os processos de exportação, distanciando-se dos conhecidos estudos sobre as diferenças entre texto original e texto traduzido. Já as trocas internacionais refere-se a operações sociais (Bourdieu, 2002) o que conduz aos caminhos e processos das traduções ao propor questões como: o que se traduz? quem traduz?, e ao refletir sobre os diferentes espaços de circulação dos textos.

A contextualização das traduções foi feita a partir de informações primárias presentes na própria obra (ano de publicação, editora, tradutor, coleção e prefácio), pesquisas sobre as relações Brasil-França, correspondências passivas de José Lins do Rego, entrevista com uma das tradutoras.

Fica evidenciada, por meio dessa breve investigação, a importância dos intermediários para a tradução de uma obra, assim como as diferenças entre os caminhos e relações no processo das duas traduções.

1 JOSÉ LINS DO REGO

José Lins do Rego Cavalcante nasceu no Engenho Tapuá, em São Miguel do Taipu, na Paraíba, no dia 3 de junho de 1901, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 12 de setembro de 1957. Era filho de João do Rego Cavalcante Sobrinho e Amélia Lins Cavalcante de Albuquerque. Com a morte da mãe, passou a morar com os avós maternos e as tias, no Engenho Corredor, em Pilar, na Paraíba, lugar tido – equivocadamente - como de nascimento do escritor³. A perda da mãe e seguinte mudança para o engenho do avô é uma memória que o escritor compartilha com o personagem Carlinhos, de *Menino de engenho*.

No ano do centenário de José Lins do Rego (2001), Figueiredo Júnior, então pesquisador do Museu José Lins do Rego⁴ e um dos organizadores do evento comemorativo, produziu um material biográfico que serve de respaldo para as informações sobre o escritor e sua carreira no âmbito deste estudo.

³ Consta no registro de nascimento lavrado no dia 30 de junho de 1901 que o escritor nasceu no Engenho de Tapuá, em São Miguel do Taipu, na Paraíba (AJALA, 2013).

⁴ O Museu José Lins do Rego integra a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC) (<http://www.funesc.pb.gov.br/cultura/>).

José Lins sempre esteve envolvido com a escrita e o início de sua carreira foi marcado por trabalhos publicados em diversos jornais. O contato com personalidades como Olívio Montenegro, José Américo de Almeida, Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Holanda, Valdemar Cavalcanti, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Paulo Prado, entre outros (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001), pode ter sido um fator de influência na sua escrita, publicações e consequentes traduções.

1.1 SOBRE A ESCRITA E A PUBLICAÇÃO DE *MENINO DE ENGENHO*

Há algumas histórias e fatos relevantes que envolvem a escrita e a publicação do primeiro romance de José Lins do Rego.

Entre os seus amigos, Valdemar Cavalcanti - responsável por datilografar o livro - apresenta um depoimento sobre a escrita do livro:

A atividade constante de jornalista só veio a interromper em Alagoas, quando se dispôs a levar ao papel o *Menino de engenho*, sua primeira obra. "Vou escrever um livro, uma espécie de memórias" - confessou-me certa vez. E logo em seguida passou vinte e poucos dias só cuidando mesmo do livro, fora da banca de jornal, escrevendo de manhã cedo - a letra miúda e quase ininteligível, num caderno escolar - e lendo tudo de tarde para mim, à sombra de um caramanchão de praça pública, em voz alta, às vezes espantando até as crianças por perto com os gritos que dava. E o que fez com o *Menino de engenho* - esse afastamento temporário do jornal - repetiu com *Doidinho* e com os demais livros (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001, p. 20, grifos no original).

Aurélio Buarque de Holanda também marcou a facilidade com que José Lins do Rego compunha um romance, afirmando que o paraibano teria escrito *Menino de engenho* e *Doidinho*, cada um, em cerca de um mês (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001).

Para a publicação de *Menino de engenho*, o escritor atribuiu a Hildebrando de Lima a tarefa de levar os originais para a tipografia dos irmãos Pongetti, para uma edição de 1.500 a 2.000 exemplares. Hildebrando, no entanto, resolveu ler os originais antes de entregá-los aos tipógrafos. Achando o livro interessante, decidiu mostrá-lo ao amigo Sebastião de Oliveira Hersen, que, junto com Adolfo Aizen, havia fundado a Adersen-Editores, em 1931. No dia seguinte, Sebastião enviou uma proposta a José Lins do Rego, na qual oferecia uma tiragem de 2.000 exemplares, financiada entre os dois: tanto os gastos quanto os lucros seriam divididos entre eles. Com uma tiragem "fantasma" de 5.000 exemplares, que não passava de "propaganda", foram impressos 2.000 exemplares com uma numeração que ia de 1 a 5.000, omitindo os três mil números intermediários.

Menino de engenho foi publicado em 1932, no Rio de Janeiro, e a obra foi a terceira publicação da Adersen-Editores (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002).

A Revolução Constitucionalista de São Paulo irrompeu pouco depois da publicação e dificultou a distribuição do livro; o mercado se fechou, reabrindo no fim de 1932. O trabalho do editor como divulgador foi então fundamental para o êxito da obra. Entre suas estratégias estavam: o anúncio do livro na Rádio Sociedade (posteriormente Roquete Pinto); circulação de uma nota telegráfica sobre o livro por meio da Agência Brasileira de Notícias com os dizeres "Retumbante sucesso", bem como publicação de notas e críticas sobre a obra usando o nome de amigos e autoridades como Jorge Amado e Arnon de Mello (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002), no intuito de conferir credibilidade à obra e atrair o público leitor.

1.2 JOSÉ LINS TRADUZIDO

A primeira obra de José Lins do Rego a ser traduzida foi *O moleque Ricardo* (1935), para o russo, em 1937. Em 1944, ele visitou o Uruguai e a Argentina, lugares nos quais pronunciou conferências sobre literatura brasileira - posteriormente publicadas na forma de livro no ano de 1946 (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001).

Entre 1949 e 1952 o autor paraibano viajou à Europa, uma das viagens a convite do governo francês para participar do *Congrès pour la liberté de la culture* (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001). Assim como nas conferências pronunciadas na Argentina, a sua presença em Paris para o Congresso pode ter influenciado a posterior tradução em 1953 de *Menino de engenho* para o francês - 21 anos após a publicação da obra e sendo posterior à divulgação da mesma através de traduções para o russo, espanhol, alemão e inglês (Tabela 1).

O escritor viajou mais uma vez à Europa em 1954, passando pela Espanha, Finlândia e Inglaterra. Na Espanha, teve seu romance *Cangaceiros* (1953) traduzido em 1957, após sua passagem pelo país. Já na Inglaterra, teve seu romance *Pureza* (1937) traduzido em 1950.

A Tabela 1, a seguir, apresenta um panorama das obras traduzidas de José Lins do Rego, os países onde foram publicadas e o respectivo ano. Por meio dessa tabela é possível observar a obra mais traduzida, o intervalo de tempo entre uma tradução e outra, o período decorrido entre a publicação do texto de partida e a do texto de chegada, bem como a forma de publicação das traduções – se em volume único (casos

da Alemanha, dos Estados Unidos e da Itália) ou não. A tabela é composta a partir das informações disponíveis no banco de dados da Unesco *Index Translationum*⁵, nas traduções apresentadas na seção "No estrangeiro", presente nas duas edições brasileiras de *Menino de engenho* utilizadas neste trabalho, e na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras⁶.

Tabela 1 - Obras traduzidas de José Lins do Rego

	ANO DE TRADUÇÃO	LUGAR DE TRADUÇÃO	OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
1º	1937	URSS	O moleque Ricardo	1935
2º	1938	URSS	O moleque Ricardo	1935
3º	1946	Argentina	Menino de engenho	1932
	1946	Argentina	Banguê	1934
	1946(1947)**	Argentina	Fogo Morto	1943
4º	1947	Argentina	Pedra bonita	1938
	1947/1948(1950)**	Inglaterra	Pureza	1937
5º	1953	Alemanha (vol.)*	Menino de engenho	1932
			Banguê	1934
			O moleque Ricardo	1935
	1953	França	Menino de engenho	1932
6º	1956	França	Cangaceiros	1953
	1956	Itália	Fogo Morto	1943
7º	1957	Espanha	Cangaceiros	1953
8º	1958	Alemanha	Cangaceiros	1953
9º	1960	URSS	Cangaceiros	1953
10º	1966	EUA (vol.)*	Menino de engenho	1932
			Banguê	1934

⁵ *Index Translationum* é um banco de dados das obras traduzidas em vários países do mundo, criado em 1932. A base de dados contém uma informação bibliográfica acumulativa sobre as obras traduzidas e publicadas em uma centena de Estados Membros da UNESCO desde 1979. Mais de 1.800.000 referências de todas as áreas: literatura, ciências sociais e humanas, ciências exatas e naturais, arte, história, etc. (<http://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx?lg=1>).

⁶ A Enciclopédia é uma obra de referência virtual que reúne informações sobre artes visuais, arte e tecnologia, literatura, teatro, cinema, dança e música (estas três últimas em elaboração) produzidos no Brasil. (http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm).

			Doidinho	1933
	1966	Romênia	Menino de engenho	1932
	1966	URSS	Fogo Morto	1943
11°	1972(1978)***	Coréia	Menino de engenho	1932
12°	1974	Itália (vol.)*	Menino de engenho	1932
			O moleque Ricardo	1935
13°	1990	Suécia	Menino de engenho	1932
14°	2000	Espanha	Menino de engenho	1932
	2000	Japão	Menino de engenho	1932
15°	2013	França	Menino de engenho	1932
16°	Em breve	França	Cangaceiros	1953

* Publicado em volume único.

** As datas fora dos parênteses aparecem na Enciclopédia Literatura Brasileira do Itaú Cultural. As datas entre parênteses são as que constam na seção "No estrangeiro", onde são apresentadas algumas traduções de José Lins do Rego; seção presente nas duas edições brasileiras, utilizadas neste trabalho, da editora José Olympio do romance *Menino de engenho*.

(http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5202&cd_item=50&cd_idioma=28555).

*** A primeira data (1972) aparece na seção "No estrangeiro" e na Enciclopédia Literatura Brasileira do Itaú Cultural. A data entre parênteses (1978) é a que consta no banco de dados do *Index Translationum*, da Unesco.

Em breve: segundo o site da editora Anacaona (www.anacaona.fr) visitado em 22 de outubro de 2014, a obra estará disponível em breve, porém não há data de lançamento.

Além das traduções apresentadas acima, Figueiredo Júnior (2001) afirma que o romancista também foi editado em Portugal. As obras editadas em Portugal pela editora Livros do Brasil foram: *Pureza*, *Cangaceiros*, *Banguê*, *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Riacho doce*, *Eurídice*, *Fogo morto*, *Pedra bonita*, *O moleque Ricardo*, *Água-mãe* e *Usina*. Esses títulos não constam na Tabela 1 porque, segundo a seção "No estrangeiro" das duas edições da José Olympio, as obras citadas não apresentam a data de publicação, sendo acompanhadas da informação "todos sem data" e "[s.d]"⁷.

Por meio do panorama acima apresentado (Tabela 1), podemos verificar que a obra mais traduzida é *Menino de engenho*, com 11 publicações. Com cinco publicações, a segunda obra mais traduzida é *Cangaceiros*. E com quatro, *O moleque Ricardo*. Com três publicações cada, aparecem *Fogo morto* e *Banguê*. Por fim, com uma publicação cada, constam *Pedra bonita*, *Pureza* e *Doidinho*. Ainda de acordo com a Tabela 1, verificou-se um total de 29 traduções publicadas em 12 países.

⁷ Todos s.d. (45ª edição, 1990) e [s.d] (104ª edição, 2012).

2 OS CAMINHOS DA TRADUÇÃO

Para traçar os caminhos das duas traduções, adotou-se a abordagem das transferências culturais proposta por Michel Espagne (2012). Segundo o autor,

"Quando se diz que um livro ou uma orientação filosófica ultrapassou a fronteira do contexto nacional de origem, trata-se, antes de tudo, do ponto de vista do método das transferências culturais, de determinar os caminhos usados pela exportação." (Ibid., p. 22).

Na abordagem metodológica da transferência cultural, em vez dos juízos de valor entre original e texto traduzido, interessam os processos e os caminhos da exportação. Percebe-se aqui a importância que passa a ser dada ao papel das instâncias de mediação (tradutores, editores, livreiros etc).

No contexto das chamadas "trocias internacionais", a tradução é uma atividade que pode ser estudada do ponto de vista sociológico. Para Heilbron e Sapiro (2008, p. 28), "uma abordagem sociológica da tradução deve levar em conta vários aspectos das condições de circulação transnacionais de bens culturais"⁸. Entre os aspectos que os autores citam, estão: o espaço das trocas culturais e os agentes de intermediação.

Nessas trocas internacionais, segundo Bourdieu (2002), o sentido e a função de uma obra estrangeira são determinados tanto pelo campo de recepção quanto pelo campo de origem. O autor afirma que – frequentemente – o sentido e a função presentes no campo original são completamente ignorados, e a transferência de um campo nacional para outro se dá através de uma série de operações sociais (BOURDIEU, 2002). As operações sociais a que Bourdieu (2002, p. 4) se refere são:

- Operação de seleção: remete às seguintes questões: o que se traduz? O que se publica? Quem traduz? Quem publica?
- Operação de marcação: através de uma editora, de uma coleção, de um tradutor e de um prefaciador;
- Operação de leitura: os leitores aplicam à obra categorias de percepção e problemáticas que são o produto de um campo de produção diferente.

Sobre os processos de seleção, Bourdieu considera:

[...] eu penso que aquele que se apropria, em toda boa fé, de um autor e se torna o introdutor tem vantagens subjetivas absolutamente sublimadas e

⁸ "Une approche sociologique de la traduction doit prendre en compte plusieurs aspects des conditions de circulation transnationale des biens culturels."

sublimes, mas que são todavia determinantes para compreender que ele faça o que faz. [...] O que eu chamo ‘interesse’, pode ser o efeito das afinidades ligadas à identidade (ou a homologia) das posições nos campos diferentes (BOURDIEU, 2002, p. 4).

Ainda sobre a seleção, o autor afirma que, ao publicar o que gosta, o indivíduo reforça a sua posição no campo. No processo de marcação não é apresentado apenas o autor, mas o autor da obra com o prefácio de X ou com a tradução de Y. Nesse processo, o prefaciador X e o tradutor Y sendo considerados autoridades, há, então, a transferência de capital simbólico.

O espaço de circulação dos textos se encontra estruturado em torno da oposição entre o polo de grande produção e o polo restrito. Como propõem Heilbron e Sapiro:

Se a fabricação de *best-sellers* mundiais, tornada possível pela liberalização das trocas, ilustra a lógica econômica da procura de rentabilidade a curto prazo, uma boa parte do processo de importação das literaturas estrangeiras diz respeito à lógica do que Pierre Bourdieu chamou de “produção restrita”, isto é, a produção com rotação lenta, que se projeta sobre o longo prazo e visa à constituição de um acervo, como evidenciam os modos de seleção (frequentemente baseados em critérios de valor literário mais do que nas chances de sucesso junto a um grande público) e as pequenas tiragens⁹ (HEILBRON; SAPIRO, 2008, p.35).

Ainda segundo os mesmos autores, a produção restrita se apoia em um sistema de auxílios à edição e à tradução. Os projetos de auxílios à tradução dizem respeito a políticas culturais que são desenvolvidas em dado país visando à divulgação da literatura e da cultura do mesmo.

As trocas culturais internacionais acontecem através de instituições e de atores de diferentes lógicas políticas, econômicas e culturais (HEILBRON; SAPIRO, 2008). Com a industrialização do mercado do livro e, depois, com a liberalização das trocas culturais, surgiu um grupo de especialistas do comércio do livro traduzido, como por exemplo: editoras independentes, agentes literários, feiras internacionais do livro, entre outros (HEILBRON; SAPIRO, 2008).

⁹ Si la fabrication de best-sellers mondiaux, rendue possible par la libéralisation des échanges, illustre la logique économique de la quête de rentabilité à court terme, une bonne part du processus d’importation des littératures étrangères relève de la logique de ce que Pierre Bourdieu a appelé la «production restreinte», c’est-à-dire la production à rotation lente, qui se projette sur le long terme et vise la constitution d’un fonds, comme en témoignent les modes de sélection (souvent fondés sur des critères de valeur littéraire plutôt que sur les chances de succès auprès d’un large public) et les faibles tirages.

A contextualização das duas traduções de *Menino de engenho* para o francês permite identificar alguns auxílios ao processo de tradução e publicação, como também os agentes e instituições que serviram de intermediários entre o texto de partida e as traduções.

3 AS TRADUÇÕES DE MENINO DE ENGENHO

3.1 *L'ENFANT DE LA PLANTATION*, 1953

A primeira tradução de *Menino de engenho* para o francês foi publicada em 1953 pela editora *Deux Rives*. Para a contextualização dessa tradução, buscamos, em obras que abordam a relação Brasil-França¹⁰ e na Internet, informações sobre a editora e a proposta que conduzia suas publicações e traduções, porém, sem sucesso.

A primeira tradução de *Menino de engenho* para o francês foi publicada em 1953 pela editora *Deux Rives*. Para a contextualização dessa tradução, buscamos, inicialmente em obras que abordam a relação Brasil-França¹¹ e na Internet, informações sobre a editora e a política editorial que conduzia suas publicações e traduções, porém, sem sucesso. A análise da quarta capa da edição de 1953 fornece, nesse sentido, algumas precisões: informa que a tradução faz parte da coleção *Rive Ouest* e lista as obras até então publicadas pela coleção. Entre essas obras, encontram-se títulos de H.-G. Wells (1866-1946, Inglaterra), Emil Ludwig (1881-1948, Alemanha), Hart Stilwell (1902-1975, Estados Unidos da América), D.-H. Lawrence (1885-1930, Inglaterra), o que nos permite inferir que um dos propósitos da coleção era difundir na França determinada ficção estrangeira contemporânea, algumas obras sendo classificadas pelo editor como "romance e sonho"¹². José Lins é assim apresentado ao público francês como legítimo representante da ficção contemporânea brasileira, numa coleção voltada para a "margem oeste" de uma editora de nome "duas margens" – o que suscita algumas hipóteses sobre qual seria publicado na suposta coleção "margem leste" (ficção nacional?, poesia estrangeira? clássicos da literatura? etc.).

Com relação ao tradutor, na publicação de 1953 apenas temos acesso à informação que consta na folha de rosto da obra: "Traduzido por J. W. Reims"¹³. O

¹⁰ *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*, de Mario Carelli, e *Encontro entre literaturas: França-Portugal e Brasil*, de Pierre Rivas.

¹¹ *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*, de Mario Carelli, e *Encontro entre literaturas: França-Portugal e Brasil*, de Pierre Rivas.

¹² *Roman e songe*.

¹³ *Traduit par J. W. Reims*.

nome completo da tradutora - Jeanne Worms-Reims - aparece citado no catálogo geral da Biblioteca Nacional da França¹⁴ e em alguns outros livros em que essa tradução é citada.

O prefácio da primeira tradução (1953) é feito por Blaise Cendrars, que, segundo Rivas (1995, p. 319), “é um dos primeiros nomes conhecidos da modernidade francesa”, o que nos remete à operação de marcação, já discutida anteriormente. O novelista e poeta suíço, segundo relata Carelli (1994), possui uma história particular com o Brasil, país reconhecido por ele como sua segunda pátria e onde permaneceu durante a década de 1920. Segundo Alexandre Eulálio, por duas vezes Cendrars viajou na qualidade de enviado da imprensa parisiense (RIVAS, 1995).

Com Paulo Prado, patrocinador do Movimento Modernista Paulista, Cendrars manteve uma relação íntima de amizade, e foi por meio dele que teve acesso ao Ciclo da Cana-de-Açúcar - *Menino de engenho, Doidinho e Banguê* -, de José Lins do Rego (CENDRARS, 1953). Considerando os dados apresentados anteriormente - a visita de José Lins do Rego a Paris, a convite do governo francês, e o fato de compartilhar a amizade de Paulo Prado com Blaise Cendrars -, é provável que a língua do texto de partida para a tradução de 1953 tenha sido o português e que o poeta suíço tenha exercido também o papel de agente literário na França.

O reconhecimento da autoridade do poeta suíço na literatura francesa e a sua relação com o Brasil dão validade ao que ele afirma sobre a obra. Ao prefaciá-lo, Cendrars empresta-lhe prestígio – numa operação de transferência de capital simbólico conforme descrito por Bourdieu (2002) –, enquanto que a informação sobre o tradutor se restringe às letras iniciais do seu nome e ao sobrenome: J. W. Reims.

Em artigo sobre a correspondência passiva de José Lins do Rego, fruto de um projeto intitulado "Ateliê José Lins do Rego" - então coordenado pela Profa. Dra. Sônia Maria van Dijck Lima -, o pesquisador Meller (1994) menciona a existência de três cartas, arquivadas no Museu José Lins do Rego, que tratam da publicação dessa tradução francesa. A coordenadora do projeto disponibiliza apenas o número dos documentos e a descrição dos mesmos catalogados em sua página na internet¹⁵. Nosso acesso a essas três cartas citadas por Meller, contudo, não foi possível, visto que, no momento desta pesquisa, o Museu José Lins do Rego e o Espaço Cultural (instituição

¹⁴ *Catalogue général de la Bibliothèque nationale de France*. <<http://catalogue.bnf.fr/servlet/biblio?idNoeud=1&ID=32561421&SN1=0&SN2=0&host=catalogue>>.

¹⁵ http://www.soniavandijck.com/retalhos_catalogo.htm

que abriga o museu) se encontravam fechados em virtude de uma reforma¹⁶, o acervo estando, dessa forma, indisponível para consulta.

O acesso às correspondências possibilitará reconstituir com mais exatidão o papel dos agentes de intermediação e o caminho percorrido pela obra à sua primeira tradução francesa.

3.2 L'ENFANT DE LA PLANTATION, 2013

O romance *Menino de engenho* foi traduzido por Paula Anacaona e publicado em 2013 pela *Anacaona*, casa editorial francesa pertencente à própria tradutora e criada em 2009. Em sua página oficial encontra-se a proposta inicial de criação da editora:

[...] as edições Anacaona estavam essencialmente orientadas para a literatura marginal - uma literatura feita pelas minorias, raciais ou socioeconômicas, à margem dos nervos centrais do saber e da grande cultura nacional [...].¹⁷

Recentemente passou para uma proposta mais abrangente:

[...] a editora assume uma nova guinada, publicando autores contemporâneos brasileiros em um sentido amplo, porque o Brasil não se limita ao Rio, a São Paulo e às favelas - ainda que a desigualdade obscena na distribuição de renda, ou a violência irracional e injusta ligada ao tráfico de drogas sejam temas que ainda nos são caros.¹⁸

A tradutora francesa Paula Anacaona tem formação em Tradução pela Universidade Paris VIII - Sorbonne e, há 12 anos, é tradutora técnica da Organização das Nações Unidas na União Europeia. Em 2005, começou a se envolver com tradução literária por meio do contato com a escritora Heloneida Studart, chegando a traduzir quatro obras da escritora.

Em entrevista a nós concedida em julho de 2013, a tradutora afirma que teve conhecimento das obras de José Lins do Rego através do seu trabalho como intérprete

¹⁶ Reforma com início na segunda semana de fevereiro de 2013 e com duração prevista de, pelo menos, 360 dias (<http://www.paraiba.pb.gov.br/65254/espaco-cultural-comemora-aniversario-com-reforma-orcada-em-r-192-milhoes.html>).

¹⁷ [...] les éditions Anacaona étaient essentiellement axées sur la littérature marginale – une littérature faite par les minorités, raciales ou socio-économiques, en marge des nerfs centraux du savoir et de la grande culture nationale [...]. (Tradução minha, assim como para as demais traduções do francês daqui em diante) (ANACAONA, Paula. *Les Éditions Anacaona, un lien littéraire entre le Brésil et la France*) (<http://www.anacaona.fr/les-editions-anacaona-une-passerelle-de-diffusion-de-la-litterature-bresilienne-en-france/>).

¹⁸ [...] la maison prend un nouveau virage, en publiant des auteurs contemporains brésiliens au sens large, car le Brésil ne se limite pas à Rio, à São Paulo, aux favelas – même si l'inégalité obscène dans la distribution des revenus, ou la violence déraisonnée et injuste liée au trafic de drogues sont des thèmes qui nous sont encore chers. (ANACAONA, Paula. *Les Éditions Anacaona, un lien littéraire entre le Brésil et la France*).

do escritor carioca Paulo Lins, e após o mesmo afirmar que *Fogo morto* é sua obra preferida (AJALA, 2013).

O primeiro contato com a obra de José Lins do Rego se deu, portanto, por meio de *Fogo morto*, depois com *Cangaceiros* e, por último, *Menino de engenho*. Segundo a editora-tradutora, uma nova tradução de *Menino de engenho* se fez necessária porque a tradução de 1953 se encontrava esgotada. A escolha dessa obra como a primeira do autor a ser traduzida e publicada pela editora foi, ainda segundo as palavras da tradutora, “pura estratégia comercial, porque era a menor, e eu poderia traduzir mais rápido e também por ser o primeiro livro dele”.

A tradução de *Menino de engenho* lançada em março de 2013 se encontra imersa em um contexto em que é possível perceber a presença de fatores que auxiliaram sua publicação. A tradutora Paula Anacaona e a Editora Anacaona, ao divulgarem como uma de suas propostas a difusão de obras da literatura marginal brasileira, apresentam-se, respectivamente, como agente literário e instituição, ambos intermediários que viabilizam a tradução da obra – tendo em vista que se trata de uma editora independente, há uma maior autonomia nas escolhas, podendo ser baseadas em critérios mais pessoais, como por exemplo: gosto ou capital simbólico – diferentemente de uma grande editora, na qual uma obra é submetida a rígidos critérios de gestão empresarial antes de ser publicada, entre os quais o mercadológico possui um peso nada desprezível.

Na quarta capa encontra-se um trecho do prefácio de Blaise Cendrars “*La voix du sang*” presente na primeira tradução, retomando-se aqui a estratégia de transferência do prestígio de Cendrars, considerado uma autoridade no sistema literário francês.

O fato de essa edição se encontrar inserida na *Collection Terra* aponta (diferentemente da tradução de 1953, com a *Collection Rive Ouest*) para uma intenção estrangeirizadora da coleção, ao manter o termo “Terra” em português (língua estrangeira para o público-alvo da tradução).

O prefácio dessa segunda tradução não apresenta título e é assinado pela própria Paula Anacaona. Porém, diferentemente da tradução de 1953, essa informação se encontra ao final do texto (diferindo do destaque que é dado a Blaise Cendrars).

A tradução de *Menino de engenho* pela editora Anacaona também recebeu, no Brasil, o apoio da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). A FBN, como instituição que incentiva a divulgação da literatura brasileira no exterior, tem oferecido bolsas por meio do Programa de Apoio à Tradução de Livros Brasileiros no Exterior.

4 CONCLUSÃO

Os sessenta anos que separam as duas traduções implicam caminhos e intermediários diferentes. Se na tradução de 1953 atores individuais (o próprio autor e seu ciclo de relações pessoais) desempenharam um papel determinante, na tradução de 2013 a dimensão institucional (o interesse inicial da própria editora, o apoio da FBN à tradução) prevaleceu no processo de intermediação.

Outra diferença diz respeito ao circuito editorial em que estão inseridas as duas traduções. Ainda que ambas se inscrevam no polo restrito, a tradução de 2013 conta com um aparato editorial extremamente diminuto (editora independente, em que a mesma pessoa acumula as funções de editora, tradutora e prefaciadora), ao passo que a de 1953 possuía uma maior inserção no mercado editorial (editora de maior porte, prefácio de Cendrars, coleção com obras traduzidas de autores reconhecidos de diferentes países).

Para ser mais completo, esse mapeamento dos caminhos percorridos para a tradução e o papel dos intermediários, sobretudo no que diz respeito à primeira tradução, precisaria de informações que, no momento desta pesquisa, não estavam disponíveis. O acesso a esses dados será possível proximamente, ao final da reforma do Museu José Lins do Rego, o que permitirá o avanço desse estudo que se pretende uma contribuição tanto para uma melhor compreensão da obra do autor paraibano e da presença da literatura brasileira no exterior, quanto para os estudos da tradução no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJALA, Flora Marina Figueiredo. *Menino de engenho (José Lins do Rego) na França: um estudo descritivo – comparativo de duas traduções*. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Les conditions sociales de la circulation internationale des idées*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. 2002/5 n.145, p. 3-8. Trad. Luiz Felipe Martins Candido. Disponível em: <<http://ninjaufsj.files.wordpress.com/2011/08/as-condic3a7c3b5es-sociais-da-circulac3a7c3a3o-internacional-das-ideias-plural.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2013.

CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

CENDRARS, Blaise. La voix du sang. In: REGO, José Lins do. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Jeanne Worms-Reims. Paris: Deux-Rives, 1953.

ESPAGNE, Michel. *Transferências Culturais e História do Livro*. In: Livro – revista do núcleo de estudos do livro. Tradução de Valéria Guimarães. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

FIGUEIREDO JR. Nestor Pinto de. *José Lins do Rego*. João Pessoa: Edições FUNESC, 2001.

_____. Menino de engenho - a história de um livro. *D.O. Leitura*, São Paulo, v. 20, n. 6, p. 27-39, jun. 2002.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. La traduction comme vecteur des échanges culturels internationaux. In: SAPIRO, Gisèle (Org.). *Translatio. Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS Éditions, 2008, p. 25-44.

MELLER, Lauro Wanderley. Os Correspondentes Estrangeiros de José Lins do Rego. In: *Gênese e Memória - IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições*, 4., 1994, São Paulo: Annablume: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1995. p. 71-76.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Primeira edição. Rio de Janeiro: Adersen-Editores, 1932.

_____. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Jeanne Worms-Reims. Paris: Deux Rives, 1953.

_____. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Paula Anacaona. Paris: Éditions Anacaona, 2013.

RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França-Brasil-Portugal*. Trad. Coordenada por Durval Ártico e Maria Leticia Guedes Alcoforado. São Paulo: Hucitec, 1995.